

“Uma felicidade no ato de pensar”: *Sobre essas coisas feitas de palavras,* de Fabio Akcelrud Durão

Thaís Marques Soranzo¹

Resumo: Resenha do livro *Sobre essas coisas feitas de palavras*, de Fabio Akcelrud Durão. Referência completa: DURÃO, Fabio Akcelrud. *Sobre essas coisas feitas de palavras: sete conversas com Fabio Akcelrud Durão*. (Org.) Tuan Fernandes Tinti. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2025.

Palavras-chave: Fabio Durão. *Sobre essas coisas feitas de palavras*. Teoria Literária.

Abstract: Review of the book *Sobre essas coisas feitas de palavras*, by Fabio Akcelrud Durão. Complete reference: DURÃO, Fabio Akcelrud. *Sobre essas coisas feitas de palavras: sete conversas com Fabio Akcelrud Durão*. (Org.) Tuan Fernandes Tinti. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2025.

Keywords: Fabio Durão. *Sobre essas coisas feitas de palavras*. Literary Theory.

¹ Pesquisadora de Pós-Doutorado junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil. thais.soranzo@gmail.com.

O afã de publicar artigos, que sufoca o tempo de reflexão e estudo dedicado a textos difíceis, como *Ulisses*, pode ser comparado a “um Big Mac engolido às pressas”. Em contrapartida, o repertório acumulado ao longo dos anos se baseia naquilo que “a gente constrói lendo e estudando bastante, conversando com as pessoas, tomando cerveja e comendo cebola frita” (Durão, 2025, p. 41-118). As imagens evocadas em *Sobre essas coisas feitas de palavras: sete conversas com Fabio Akcelrud Durão*, livro organizado por Tuan Fernandes Tinti e lançado recentemente pela editora Parábola, abarcam as tensões inerentes ao espaço da literatura na atualidade, sobretudo no âmbito acadêmico. De um lado, a fabricação de artigos a toque de caixa, como um produto de *fast-food*; de outro, a criação gradual, e por isso instigante, do conhecimento, derivada de leituras e discussões entre aqueles que, desafiados pelo mesmo objeto, buscam descascar as várias camadas de uma “cebola”. Ainda que antagônicas, ambas as situações são constitutivas da esfera acadêmica. Embora tenha sua autonomia ameaçada pela lógica mercantil, a universidade – e os lugares a ela associados, como a biblioteca, a cantina e o bar – ainda se afigura como o espaço por excelência do diálogo, da troca e do debate de ideias.

É o que se observa nas conversas reunidas em *Sobre essas coisas feitas de palavras*. Nas últimas décadas, Fabio Durão concedeu entrevistas a alunos e professores que, atuando em diferentes instituições brasileiras, seguem sendo seus interlocutores. São eles: Thiago Amud, Nabil Araújo, Maria Isabel Bordini, Ana Karla Canarinos, André Cechinel, José Carlos Félix, Eduardo Guerreiro Losso, Priscila Nascimento Marques, Rodrigo Alves do Nascimento, Lucas Negri, Felipe Santos da Silva e Tuan Fernandes Tinti. Da entrevista de abertura, “O que estamos fazendo aqui?”, até a entrevista final, “O segredo da literatura (?)”, é possível imaginar que o livro trace um caminho de aprendizado. O problema colocado de início desembocaria então numa solução feliz – o sinal de interrogação não desfaz o sabor da revelação de um segredo². Nada, no entanto, estaria mais distante do propósito de *Sobre essas coisas feitas de palavras*. Em vez de saídas fáceis e reconfortantes, o livro se vale de

² Na apresentação do livro, Tuan Tinti identifica um dispositivo semelhante em outros trabalhos de Fabio Durão: “O lado de armadilha da coisa começa já nos títulos: as pessoas compram livros como *O que é crítica literária* (de 2016, pelas editoras Nankin e Parábola), *Metodologia de pesquisa em literatura* (de 2020, pela Parábola) ou *Ensino literatura: a sala de aula como acontecimento* (de 2022, também pela Parábola Editorial, e em coautoria com André Cechinel) buscando respostas a perguntas aparentemente simples – que raio de coisa é crítica literária? Que cargas d’água é pesquisa em literatura? Como diabos falar disso na sala de aula? – mas, ao invés disso, se veem forçadas a pensar sobre questões – algo que dá sempre trabalho, mesmo quando feito de maneira guiada” (2025, p. 13).

questionamentos, ambiguidades, provocações. Longe de ter uma chave para decifrá-la, a literatura, nos termos de Durão, é uma “entidade instável cujos contornos não são tranquilamente definíveis” (2025, p. 115).

Como exemplo dessa formulação, o autor não confere autoridade prévia a nomes incontornáveis da história literária. Em sala de aula, diz ele,

não dou espaço a qualquer tipo de bajulação a Shakespeare. [...] Tanto a adulação (com sua manifestação concreta, o amor *a priori*, desprovido de experiência estética), quanto o anti-intelectualismo são nocivos à imaginação crítica, que deve se esforçar para não trazer pré-conceitos ao contato com a obra (Durão, 2025, p. 122-123).

Na mesma toada, quanto um leitor convicto de Theodor Adorno, Walter Benjamin e Georg Lukács, Durão reconhece que as interpretações por eles empreendidas a respeito de Beckett, Baudelaire ou Balzac não devem ser consideradas incontestáveis. “Há nelas ideias que mudam a vida da gente”, afirma, “[n]o entanto, elas não deixam de ser leituras, nunca devem deixar de ser entendidas como tais” (2025, p. 126). Nesse sentido, é preciso cautela para não “lidar com o Adorno & Co. como alguma espécie de palavra última, quase sagrada” (2025, p. 127).

Desvinculando a literatura de qualquer noção de *sagrado*, como se ela pertencesse a uma esfera inalcançável, Fabio Durão defende uma postura interpretativa que, no confronto direto com as obras, poderia se assemelhar a uma “brincadeira na lama” ou a um “cachorro roendo o osso” (2025, p. 29). As imagens, deleitosas a seu modo, evocam o corpo a corpo com o texto, atitude que, se marcada pela obsessão, tampouco prescinde do prazer. Sob essa perspectiva, o autor contesta o uso indiscriminado de conceitos que, quando aplicados *a priori* a uma obra, permanecem num terreno abstrato e vazio de sentidos. Em sua estreita relação com a literatura, a tradução lança luz sobre esse impasse. As teorias do campo, postula Durão, embora produtivas para a filosofia da linguagem, por vezes se afastam da prática tradutória. Segundo ele,

O objeto real de reflexão, aquele que firma a tradução no campo das Letras, é a *escolha*. O que podemos investigar é o processo concreto de decisões tradutórias, da seleção específica de termos na língua de chegada a partir de um texto base, um original. Se isso parece pouco em comparação à profundidade das teorizações filosóficas, é porque a ênfase aqui recai sobre um fazer e não sobre algo hipotético ou imaterial. Situar a escolha como objeto central de reflexão nos estudos

de tradução significa aproximá-los da prática crítica (DURÃO, 2025, p. 102, grifo do autor).

Isso não implica, contudo, uma oposição à teoria, como se ela precisasse ser abolida dos estudos literários e tradutórios. O problema, argumenta Durão, reside no “modo como é mobilizada como andaime anterior ao contato com as obras”³ (2025, p. 74). Se libertada de seu caráter utilitário, que a coloca como mero instrumento para a interpretação de um texto, e considerada um objeto em si mesmo, a teoria pode se revelar um solo fértil para a reflexão crítica e a fruição estética. Há nela um “princípio de criatividade” que, nas palavras do autor, apresenta-se como “um convite a imaginar” (2025, p. 52).

Vale ressaltar, no entanto, que a defesa de uma postura interpretativa que prescinda de elementos externos e privilegie o engajamento imediato com a obra, seja ela teórica ou ficcional, não está condicionada a uma ideia de *literatura autônoma*, conceito este que também corre o risco de ser vago. Já em sua existência, afirma Fabio Durão, “a literatura é política” (2025, p. 50). O ato de se debruçar sobre um texto, e ali se demorar para destrinchar seu funcionamento interno, contém um gesto de recusa ao ritmo frenético que rege a era digital, com sua avalanche de imagens em filmes, séries e redes sociais. Em tempos marcados pela utilidade mercadológica, a literatura rejeita a necessidade de *servir* para algo e é por isso, arremata Durão, que “a literatura incomoda” (2025, p. 50).

Dando vazão ao princípio dissidente da esfera literária, o meio acadêmico é o espaço em que as obras se livram de amarras morais, religiosas e econômicas. Não obstante, conforme ilustra o Apêndice de *Sobre essas coisas feitas de palavras*, a universidade parece cada vez mais imbuída na mentalidade capitalista. Ao reproduzir o texto “Em torno de um caso de plágio”, publicado na revista *Matraga* em 2021 e seguido de uma entrevista dada a Nabil Araújo, Fabio Durão examina de maneira sagaz e irônica o episódio em que um artigo de sua autoria (“Da intransitividade do ensino de literatura”, 2017) foi descaradamente copiado por uma pesquisadora indiana. O choque e a revolta

³ Como contraposição a essa premissa, Durão alude ao trabalho de Roberto Schwarz, cuja obra “pode ser vista como uma espécie de antídoto àquilo que a teoria tem de problemático, pois não se presta à aplicação. Schwarz procura falar a partir dos objetos, ou, melhor ainda, ele fala mais *nos* textos do que *sobre* eles. Os conceitos não têm a primazia; na realidade, são nomes dados a percursos de leitura. “Ideias fora do lugar” não é uma noção que aparece primeiro e depois é confrontada com algum objeto; ao contrário, é o título dado a um processo interpretativo” (2025, p. 64, grifos do autor). Ver Schwarz, [1977] 2012.

que lhe arrebataram de início deram lugar a uma reflexão aguda sobre a prática desenfreada da publicação de artigos, então facilitada pelos ardis de revistas predatórias. “O estelionato intelectual em jogo aqui”, formula Durão, “pode ser descrito como um princípio de troca de capital econômico real por capital simbólico fajuto” (2025, p. 145).

O caso de plágio, assim, manifesta-se como exemplo sintomático da lógica produtivista que, invadindo o âmbito acadêmico, passou a sobrepujar valores caros à universidade, como a seriedade com o estudo e a autonomia crítica. A fim de retomar esses preceitos, *Sobre essas coisas feitas de palavras* resiste às demandas de urgência e resultados prontos. Para tanto, a literatura é uma forte aliada. Embora ocorra em momentos solitários, a leitura propicia a aproximação entre pessoas que, se instigadas pelo mesmo texto, estão dispostas a compartilhar impressões e ideias. Daí surge aquilo que Fabio Durão chama de “germe de uma comunidade”, ou seja, “quanto mais a literatura perde espaço na sociedade, tanto mais ela se torna interessante ao fornecer aquilo que a sociedade não consegue mais dar” (2025, p. 58). Se antes serviu de mote para as interlocuções entre o autor e seus entrevistadores, agora esse “germe” convida o leitor a tomar parte na conversa. É uma oportunidade, afinal, para desfrutar da “felicidade” que existe “no ato de pensar” (Durão, 2025, p. 29).

Referências

- DURÃO, Fabio Akcelrud. Em torno de um caso de plágio. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 52, p. 199-210, 2021.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. *Sobre essas coisas feitas de palavras: sete conversas com Fabio Akcelrud Durão*. (Org.) Tuan Fernandes Tinti. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2025.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6 ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, [1977] 2012.
- TINTI, Tuan. Apresentação. In: DURÃO, Fabio Akcelrud. *Sobre essas coisas feitas de palavras: sete conversas com Fabio Akcelrud Durão*. (Org.) Tuan Fernandes Tinti. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2025, p. 10-18.